

PRAZER À

Flora

Entre eles, era uma questão de tempo

* 4.6 *
Amazon

* 4.2 *
Goodreads

RONI LOREN

AUTORA VENCEDORA DO PRÉMIO RITA
PARA MELHOR ROMANCE ERÓTICO

TOP
SEL
LER

*Para as minhas leitoras, obrigada por continuarem a comprar,
ler e pedir mais livros meus. A história de Lane e Elle não teria
acontecido se não fossem vocês. *Abraços**

*Ama os teus inimigos, pois eles revelarão
as tuas falhas.*

BENJAMIN FRANKLIN

CAPÍTULO UM

Talvez, afinal de contas, sempre fosse masoquista. Só Deus sabe que mais a poderia ter levado a assistir à festa de uma outra pessoa no seu próprio dia de aniversário.

A Dra. Elle McCray mudou de posição na gasta cadeira de madeira e deslizou a ponta do dedo pelas iniciais que o tempo tornara suaves e que tinham sido gravadas na mesa do Parrain's PoBoys: $D + R = 4Ever$.

Para sempre. Claro. Isso era um plano realista, D e R. Boa sorte. Pousou a palma da mão vazia sobre a gravação feita por um estranho e tentou não parecer prestes a sair disparada.

Não devia ter ido. A comida era boa e a música aceitável, mas a atmosfera festiva irritava-a e enfurecia-a. A Dra. Marin Rush tinha obtido uma posição permanente no Grove, o instituto de saúde mental de luxo onde todos trabalhavam e a celebração era geral. Viva Marin! Também tinha ficado com o rapaz. Donovan West, antigo residente da cama de Elle, estava naquele momento preso num abraço com Marin, a sorrir como um idiota ébrio de amor. *Radiante*, por amor de Deus.

O camarão frito que Elle tinha comido há poucos minutos deu-lhe a volta ao estômago. *Ugh*. Odiava a reação instintiva que ver os dois juntos lhe provocava. Porque haveria de se importar se estavam ou não juntos? Ela nem sequer *gostava* de Donovan West. Em termos de personalidade, haviam sido sempre incompatíveis. Mas ele fora uma solução conveniente para a sua política antinamoro. Donovan tinha parecido tão desinteressado numa relação quanto ela e não tinha qualquer problema em mantê-la puramente física. E funcionara.

Mas, de alguma forma, uma nova psicóloga, mais jovem, entrou em cena e despertou uma parte de Donovan que Elle nem sabia que existia.

Elle foi descartada como se fosse comida do dia anterior. E aquilo – aquela sensação de perda – tinha despertado recalcamientos antigos e transformara-a numa versão embaraçosa de si mesma.

Uma megera ciumenta.

Meu Deus... Tentara que Marin fosse *despedida*, tudo porque o seu orgulho fora atingido — e os seus sentimentos feridos. O simples facto de pensar nisso era suficiente para lhe dar vômitos. Não era o seu género. Não era o tipo de mulher que luta por um homem. Quando apanhou o marido a traí-la virara costas sem lutar por ele, sem permitir que a visse estremecer. Não podia dar-se a grandes dignidades, com o que acontecera no seu casamento, mas agarrara-se a isso. Até àquele momento.

Por isso, sempre que olhava para Marin e Donovan juntos, aquilo era tudo em que conseguia pensar. *Transformei-me naquela mulher. Fiz asneira e permiti-me sentir algo por um homem.* Nunca mais – aquele tipo permitira-lhe recordar exatamente a razão por que não podia baixar as defesas. Ele partira, fazendo-a parecer patética e mesquinha. Em segundo lugar relativamente a uma outra mulher qualquer. Mais uma vez.

Segundo lugar. O primeiro dos perdedores.

A culpa era dela. Quebrara as regras. Lição aprendida. Nunca mais. Essa fora a principal razão por que se obrigara a comparecer naquela festa — para mostrar que não estava incomodada, que era adulta. Isso e o facto de ser o seu aniversário e lhe parecer um pouco patético passá-lo em casa sozinha. Não que alguém soubesse que o calendário marcava naquele dia o início de um novo ano. O único cartão de aniversário na sua caixa de correio fora da mãe. A inscrição era exatamente a mesma que constava do cartão de Natal que tinha recebido algumas semanas antes: *Tudo de bom. Com amor, Mãe.*

Com ele fora entregue uma cara garrafa de *Pinot Noir*. Elle levava-a para a festa como presente, uma espécie de ramo de oliveira. Até conseguira dar os parabéns a Marin e fazê-lo, em grande parte, com sentimento. Afinal de contas, não era com Marin que estava

zangada. A situação com Donovan já estava lixada ainda antes de a mulher ter chegado ao *campus*.

Como se tivesse ouvido o seu nome nos pensamentos de Elle, Marin olhou de relance na sua direção, com uma ruga na testa. Era provável que se perguntasse porque teria Elle aparecido. Durante o último mês, aproximadamente, tinham conseguido forjar uma espécie de relacionamento de trabalho profissional, mas não eram amigas que passassem tempo juntas depois do trabalho e nunca seriam. No entanto, antes que Elle pudesse tentar algo que se assemelhasse a um aceno educado que dissesse «nada para ver aqui», Marin avançou com determinação para junto de outros convidados. O homem que procurava virou-se e ofereceu a Marin um sorriso carregado de calor e afeto, com a expressão aligeirando o seu rosto já de si demasiado belo.

Uma onda indesejada de consciência varreu Elle, despertando-a.

Maravilha. Com tantas rumações nem se apercebera da sua entrada.

Lane Cannon. Assistente sexual residente da ala de terapia sexual do Grove — ou ala obscena, como a maioria dos elementos da equipa a haviam apelidado. Grande. Louro. E demasiadamente convencido para o seu próprio bem. Embora talvez tivesse o direito de o ser, tendo em consideração que tinha descoberto como ganhar legitimamente a vida dormindo com as suas clientes ricas, frequentemente famosas. *Assistente terapêutico*: esse era o seu título oficial. Mas, na opinião de Elle, o facto de ter obtido um qualquer certificado na Califórnia não tornava aquilo que fazia muito diferente de ser um prostituto, que, por acaso, até era bom ouvinte.

Ela disse isso mesmo a um colega, quando este sugeriu que uma das suas pacientes poderia beneficiar dos serviços de Lane. Claro que Lane se aproximava naquele momento e a ouvira chamar-lhe prostituto. Ele não dissera uma palavra, mas o sorriso com covinhas que lhe dirigiu continha uma boa dose de *vai-te lixar*.

Depois ele começou a falar com o colega de Elle acerca da paciente e ignorou-a por completo.

Primeiro, aquilo tinha-a irritado. Aquela era a ala dela, raios. Aqueles eram os seus pacientes. Preparava-se para interromper

mas ele lançara-lhe um olhar de desafio escaldante, de sobrance-lha erguida e uma expressão de provocação nos olhos. Por alguma razão, isso lançara uma torrente de fogo selvagem através de Elle, aquecendo-a de dentro para fora, e nada tinha a ver com raiva.

Estava habituada a que as pessoas cedessem perante ela, que fossem extremamente educadas e profissionais porque ela era médica, ela era a chefe, porque era ela quem mandava. Porque podia ser uma cabra assustadora e não pedia desculpas por isso. Mas com um só olhar Lane tinha lançado o desafio. *Não me intimidas, doutora. Não me impressionas. Experimenta entrar nesses joguinhos e verás o que acontece.*

Fora mais uma prova de que ficara com os fios emaranhados no que dizia respeito ao sexo e aos homens. Outras mulheres queriam romance, doçura, amor. Ela fora assim, noutros tempos. O ex-marido queimara essa fantasia até nada restar dela, expondo-a pela fraude que era. Cortinas para cobrir mentiras. Agora sentia-se excitada ao pensar numa boa queca alimentada pelo ódio. Essas eram sinceras. Essas eram reais. Pura libertação física.

E tudo naquele olhar, naquele dia, dissera que Lane era mais do que capaz de a odiar até fazê-la gritar, implorando por mais um orgasmo.

Perigoso...

Por isso, quando Marin entregou a Lane um copo de vinho fresco e o virou na direção de Elle já devia saber que chegara a hora de se levantar e sair. Ela não gostava de Lane. Ele não gostava dela. E não precisava que Marin o enviasse para junto dela por sentir pena da sua solidão. Para o caraças com isso.

Mas Elle não parecia capaz de se levantar e sair. Com Lane a diminuir o espaço que os separava com as pernas compridas e poderosas, os olhos verdes fixando-se nos dela, não parecia capaz de fazer grande coisa. Os lábios dele ergueram-se no canto, como se soubesse o efeito que tinha sobre ela. Para os outros, a expressão talvez tivesse parecido amigável. Afinal de contas ele era um tipo descontraído, simpático aos olhos de todos. O tipo a quem telefonamos quando temos um furo ou quando bebemos de mais e precisamos de uma boleia. Mas ela vira o brilho perverso por baixo do véu. Aquele que lhe dizia que ele gostava de arranjar problemas,

que gostava de apanhar as pessoas desprevenidas. Que podia apanhá-la *a ela* desprevenida.

E, raios, não ajudava que ele fosse tão agradável aos olhos — uma camiseta azul-escura esticada sobre os ombros largos, calças de ganga macias e gastas nos sítios certos e botas de sola grossa que emitiam um som pesado ao bater no chão de madeira. Nada de pretensioso ou excessivo. Parecia um tipo que bebia cerveja americana e trabalhava com as mãos.

Mãos. A ideia trouxe-a de volta à realidade. O tipo *trabalhava* com as mãos. Sobre outras mulheres. Raios. Era por aquilo que tinha de manter a distância de Lane Cannon. Ele deixava-lhe o cérebro feito em papa, em especial depois de tantos meses de abstinência.

Sentou-se direita na cadeira e cruzou os braços, enviando um sinal de *vai-te embora* com um megafone. Aquilo funcionava sempre. Ela tinha um doutoramento naquele sinal.

Lane ignorou-o. Agarrou na cadeira ao lado da dela, deslizou para o assento e depois pousou o copo de vinho, que levava consigo, sobre a mesa à frente dela. Dado que fingiu nem se aperceber da sua presença, ele pousou um braço nas costas da cadeira dela, como se ela o tivesse chamado até ali. Não lhe tocou, mas o calor do seu corpo aqueceu-lhe o pescoço e ela fitou o grupo como tinha estado a fazer até então.

— Sabes, ouvi dizer que não podes matar ninguém só com o olhar. Mas fazes bem em continuar a testar essa teoria.

Ela não olhou na sua direção e tentou manter a expressão inalterada, enquanto ele se esticava ao seu lado — de joelhos afastados, com o corpo grande a ocupar demasiado espaço. Cheirava a detergente da roupa e cerveja preta, copiosa. E quando o lado do joelho dele tocou no dela, as suas calças de ganga contra a pele nua de Elle, uma centelha de consciência indesejada subiu disparada, anunciando a sua presença às partes femininas de Elle.

Ela limpou a garganta.

— É corajoso da tua parte ofereceres-te como cobaia.

Os lábios dele estremeceram na periferia do olhar de Elle.

— Vi-te lançar o raio da morte a Donovan. Calculei que se ele sobreviveu eu estava seguro.

Elle franziu o sobrolho, odiando o facto de qualquer das suas emoções em relação a Donovan ter escapado, assim como ainda *ter* emoções em relação a ele.

— Não te sintas demasiadamente confiante. Se vieste até aqui para me dizer que sorrisse e gozasse a festa, sou capaz de aumentar o raio para o máximo.

— Ai, o nível *punção lombar*. — Ele bebeu um gole da sua cerveja. — Mas não. Podes fazer a tua cena. Não preciso que sorrias e finjas para me sentir confortável. Estou bem.

— Porque te sentes confortável em qualquer lado — disse ela, sem esconder o sarcasmo do seu tom.

Ele encolheu os ombros.

— Basicamente.

Ela agarrou no vinho e bebeu um trago, apreciando o suave calor e esperando que acalmasse a sensação saltitante que a presença de Lane lhe provocava.

— Deve ser agradável.

— É. — Ele espreitou na direção dela. — Então por que razão estás tão *desconfortável*?

— Nunca disse que estava. — Elle bebeu mais um pouco de vinho.

— Certo. Portanto estás completamente na boa com o facto de veres o tipo com quem costumavas dar umas cambalhotas a derreter-se por esta nova mulher?

O vinho ficou preso na garganta, fazendo-a arder e obrigando Elle a tossir. Ninguém, tirando Marin, deveria saber da sua história com Donovan. Tinham sido tão cuidadosos.

— Ele não... nós não...

— Calma. Não estou a julgar-vos. Sou apenas observador. — Ele olhou de relance para Donovan e Marin enquanto os dois riam e dançavam ao som de uma animada música *country* a tocar na *jukebox*. — Se servir de ajuda, ela recusou-me para ficar com ele. O que prova que o destino tinha um plano para eles.

Ela fungou.

— O destino?

— Sem dúvida. Porque, convenhamos, sou mesmo difícil de recusar. Ou seja: olha bem para mim.

Elle virou-se automaticamente e ele sorriu.

— Fiz-te olhar.

Ela resmungou.

— Podes ir embora?

Ele fez girar a cerveja.

— Não. Isto é divertido. Devíamos fazê-lo mais vezes. Ou tens medo que os meus piolhos de prostituto saltem para ti?

Ela fungou.

— Se estás à espera que peça desculpa por ter emitido uma opinião é melhor esperares sentado. És pago para te vires. E eu chamo os bois pelos nomes.

— Ah, é? — Lane inclinou a cabeça. — Estás sempre tão segura de que sabes tudo, hem? Deve ser uma vista espantosa, a partir dessa torre de vidro.

Elle mordeu os dentes com força.

Lane inclinou-se, chegando-se demasiado perto, e baixou a voz.

— A verdade é que não me vês de todo. Não me tentas ver. Nem a mim nem a mais ninguém nesta festa.

Ela fitou-o.

Ele inclinou a cerveja, terminando-a e sustendo o olhar dela, depois pousou-a na mesa. Virou-se para a olhar de frente, com o braço ainda pousado nas costas da cadeira dela.

— Mas eles também não te veem — disse. — Porque não queres que te vejam. E porque não estás disposta a olhar com atenção suficiente. — O olhar dele deslizou pelo rosto dela, pelo pescoço e depois voltou a subir para os seus olhos, mostrando o seu desafio. — Mas vejo mais do que pensas e isso assusta-te.

A certeza daquela afirmação trespassou-a, fez os seus músculos ficarem tensos, ergueu as suas defesas, mas algo mais subiu à superfície. Consciência. Uma consciência profunda, visceral, de que aquele homem estava agora tão perto.

— Conheço este jogo — continuou ele, a sua voz como uma áspera carícia. — Apanhá-los antes que te apanhem a ti. Sei jogá-lo melhor do que ninguém. Acredita em mim. Mas ninguém ganha este jogo. É uma existência miserável. Vens a uma festa com pessoas que não são tuas amigas para fazer o quê? Sentares-te a julgá-las? Provar alguma coisa? Para lhes mostrar que seguiste em frente? O quê?! Decerto não foi para tentar fazer amigos, porque

eu fui a primeira pessoa a falar contigo esta noite e fizeste tudo para correr comigo.

Ela humedeceu os lábios, sustendo o olhar dele em desafio.

— Não preciso de um amigo. Se é para isso que aqui estás, vieste bater à porta errada.

Algo tremeluziu no olhar dele perante o tom de voz dela e o maxilar de Lane ficou tenso.

— Então do que precisas?

A pergunta pairou entre eles, provocando-a. *Do que precisas? O que queres?*

O silêncio estendeu-se até Elle conseguir ouvir o batimento do coração nos ouvidos.

— Diz-me — proferiu ele, com uma calma determinação na voz — e talvez o recebas.

Era isso que Elle temia. Sabia do que precisava, mas ele era a última pessoa que lho deveria dar. Era por isso que devia ter-se afastado quando ele se sentou junto dela.

— Preciso de esquecer.

As palavras escaparam-se ao mesmo tempo que Lane deslizava o polegar pelas costas da cadeira dela, dando inadvertidamente pouco mais do que um toque no ombro dela. Deixou-a a arder.

— Esquecer o quê?

Tudo. O casamento falhado. Os erros com Donovan. Que tinha quase 40 anos e estava sozinha no dia do seu aniversário. Que estava... tão—absolutamente—furiosa. O raio do tempo todo.

Ela precisava de esquecer, de sair da sua cabeça e de, simplesmente, *ser* durante um bocado. Precisava de sair dali, ir até um bar qualquer, encontrar um outro homem qualquer num outro lugar qualquer. Escapar ao olhar conhecedor de Lane Cannon. Mas não foi isso o que lhe saiu da boca.

— Preciso de esquecer que tu és tu e que eu sou eu e que não gostamos um do outro.

Um meio sorriso deslizou pelos lábios dele, erguendo-os lentamente, mas não havia humor nos seus olhos. O seu olhar era determinado, procurando... despindo-lhe a alma.

— Eu até gosto de ti, Elle McCray. Na verdade, gosto cada vez mais, a cada segundo em que olhas para mim assim. — O polegar

deslizou-lhe pelo ponto onde o pescoço dela dava lugar ao ombro; quase nem fora um toque, mas desta vez tinha sido, sem dúvida, propositado. — Diz-me o que te faria esquecer.

Ela engoliu em seco, tentando aliviar a súbita secura que sentia na garganta e ignorou o calor que se acumulava entre as suas coxas, bem como o roçar dos mamilos intumescidos contra o soutien. Estava a perder rapidamente o controlo sobre a situação e não tinha a certeza se isso a deixava feliz ou em pânico.

— Será que tenho de dizer tudo? Ou serão as palavras de cinco letras demasiado compridas para ti?

O sorriso dele abriu-se por completo. Um sorriso predador. O insulto dela pareceu acicatá-lo.

— Uma arrojada sugestão para uma mulher que ainda há um minuto estava a tentar assustar-me. Não tens de gostar de mim.

— Não. Não tenho. — Elle fechou os olhos por um segundo, tentando recuperar o fôlego, e suspirou. — Essa é a melhor parte.

A confissão escapou-lhe e ele inclinou a cabeça como se estivesse a processar aquelas palavras, a avaliá-la. Mas depois o polegar dele tocou-lhe na coluna.

— Garanto-te que essa não será, de todo, a melhor parte.

O pescoço dela estava quente e o ar na sala pesado.

— Não?

Ele curvou-se sobre a orelha dela, o seu perfume deslizando para ela.

— Não. A melhor parte será quando eu estiver profundamente dentro de ti e tu estiveres a chegar à beira do precipício, a implorar a este tipo que odeias que te dê exatamente aquilo de que precisas, que te enlouqueça até não teres outra hipótese senão esquecer tudo, exceto a maneira como te estou a comer, e o bem que sabe, e o quanto o desejas.

Ela voltou a fechar os olhos, aquelas palavras a deslizar por ela como palmas abertas sobre a pele nua. *Merda*.

— Não podemos... eu não...

Lane recostou-se.

— Diz-me para ir embora, Elle. Mente e diz-me que queres que vá embora e fá-lo-ei.

Os olhos dela abriram-se subitamente e ela humedeceu os lábios, os nervos e o bom senso a tentarem assumir o controlo. Deslizou o olhar para a festa. Sentia-se como se tivessem virado os holofotes para ela e para Lane, expondo todas as palavras confidenciais, sussurradas. Mas ninguém lhes estava a prestar atenção. E mesmo que alguém olhasse para eles não veriam mais do que duas pessoas a conversar. Ninguém seria capaz de ver a velocidade a que batia o seu coração ou quão húmidas tinham ficado as suas cuecas. Ninguém veria que o homem que passava os dias a guiar pacientemente as pessoas pelo treino da intimidade acabara de se oferecer para a comer até ela implorar por libertação.

Ela precisava de dizer não. De pôr um fim àquilo.

— Não podemos sair juntos.

O sorriso tornou-se arrogante.

— Não queres ser vista a relacionares-te com alguém que não tem um doutoramento?

Ela disparou-lhe um olhar.

— Dá-me a tua morada. Sei que vives no *campus*. Podes sair primeiro. Eu espero alguns minutos e depois vou até lá.

Antes de ser capaz de pensar muito sobre isso acenou com a cabeça.

— A minha é a única casa no lado noroeste do lago. O meu nome está na caixa do correio. — Ela inspirou fundo. — Ninguém pode saber disto. Não quero conversar quando lá chegares. Vais usar proteção. E se eu disser *não* a alguma coisa paras.

— Uau, uma lista. Nada de cortejos românticos contigo, McCray? Nem bebidas junto à lareira enquanto nos conhecemos melhor?

— Se é disso que andas à procura, estás a olhar para a mulher errada. E nem vale a pena fingirmos que queres conhecer-me. Nada temos em comum.

Ele semicerrou os olhos, fitando-a atentamente.

— Deixa a porta destrancada. Mantém as luzes baixas para que ninguém me veja entrar. E não mudes de vestido. — Lane deixou que o seu olhar deslizasse por ela com uma determinação lenta. — Quero ter o prazer de arrancar-to.

Um arrepió de antecipação atravessou-a perante tal imagem. Talvez fosse precisamente aquilo de que precisava naquela noite.

Uma noite desaconselhada, proibida, com um tipo que parecia capaz de cumprir uma promessa suja. Bebeu o resto do vinho e depois pegou na mala, erguendo-se nas pernas trémulas.

— Até lá.

Ele deixou-se ficar sentado, mas agarrou-lhe no pulso antes que ela conseguisse sair.

— Mais uma coisa.

Elle libertou o braço da mão dele, não fosse alguém reparar.

— Sim?

— Se trancares a porta afastar-me-ei e nunca mais voltarei. Podes não gostar de mim à vontade, mas não vais brincar comigo. Pelo menos não assim.

Elle acenou, o tom de autoridade na voz dele fazendo-lhe mais do que devia. O Sr. Alegre-e-Feliz tinha um lado negro, havia coisas à espreita no tom da sua voz que a assustavam um pouco. Desejou que ter-se apercebido disso não a fizesse desejá-lo ainda mais.

— Não estará nada trancado. Terás pleno acesso.

O olhar que ele lhe dirigiu prometia coisas imundas, sórdidas.

— Pleno acesso?

— Sim.

A tudo o que o corpo dela tinha para dar.

E a nada do seu coração.

Ela deixou-o ali ficar e abandonou a festa sem se despedir. Não tinha visto amigos naquela noite, mas encontrara precisamente o que precisava para o seu aniversário.

Uma maneira de esquecer.

E alguém com quem fazê-lo.

CAPÍTULO DOIS

Lane forçou-se a ficar ainda algum tempo na festa, depois de Elle ter saído do restaurante sem olhar para trás, agitando as ancas com o tipo de insolência que dizia saber que Lane estava a observá-la. Ele conversou um pouco, juntou-se a um brinde à promoção de Marin e agiu, em geral, como se não tivesse outro sítio onde estar. Mas ao fim de algum tempo a impaciência tomou conta de si e foi ter com Marin e Donovan para se despedir.

— Já vais embora? — perguntou a Marin, dando-lhe um abraço apertado. — Ainda nem chegámos ao pudim de pão.

Lane soltou-a e deu uma palmadinha no estômago.

— Não quero nada disso. Tenho de ter atenção com o físico.

Ela fungou.

— Certo. Acho que todas as mulheres solteiras do Grove gostam de observar o teu físico. Quando percorres os corredores é como assistir a um jogo de ténis, com tantas cabeças a virar.

Donovan sorriu-lhe.

— Ei, estou aqui.

Marin revirou os olhos e bateu com o ombro no de Donovan.

— Eu disse mulheres *solteiras*. Mas, a sério, está tudo bem? Será que a missão de boa vontade para que te enviei com a McCray arruinou a tua noite? Porque, se assim foi, lamento muito. Ela parecia algo chateada quando saiu.

Ah, se Marin soubesse...

— Não me apunhalou com o garfo, pelo que suponho que seja uma vitória. Mas não, tenho apenas de me levantar cedo. Mas foi divertido. Parabéns mais uma vez.

Marin sorriu e Donovan apertou a mão de Lane antes de sair, despedindo-se dos restantes pelo caminho. Pareceu demorar uma eternidade, mas não queria parecer apressado. Além disso, queria que Elle esperasse um pouco.

Quando ela deixou a festa teve de lutar contra si mesmo para não sair logo a seguir, encostá-la contra uma parede algures e beijá-la até que ela se esquecesse do quanto ele lhe desagradava. A pequena conversa de ambos tinha-o deixado a braços com tesão e pronto a conquistar a Dra. Gelo (a alcunha que lhe atribuíra em segredo há alguns meses), mas conseguira controlar-se. Elle estava habituada a que as pessoas a seguissem como súbditos leais: funcionários, pacientes, internos. Não ia ser mais um dos seus seguidores. Essa era a última coisa de que ela precisava. Não fora isso que a excitara naquela noite, mas o facto de não se acobardar quando ela lhe lançava setas venenosas. Não era, sem dúvida, por gostar dele.

Elle estava a ser sincera em relação a essa parte. Tinha-o rotulado como um *prostituto* e acreditava nisso. Claro que não fazia ideia de como estava certa. Ele já não era um acompanhante, mas passara mais anos nesse papel do que no que desempenhava atualmente. E o insulto ainda tocava numa ferida aberta. Quando a ouviu chamar-lhe prostituto naquele dia, para outro médico, ficara a ver vermelho. Ele estava habituado àquelas porcarias fora da comunidade terapêutica, mas não lá dentro. Tinha trabalhado com afinco para chegar aonde estava agora — a ajudar as pessoas de um modo legítimo — e não precisava que o voltassem a atirar para a sarjeta.

No entanto, até àquela noite não se tinha apercebido de que a aversão que ela sentia por ele não se devia simplesmente ao seu trabalho. Ela tinha medo de permitir que ele se aproximasse porque o *desejava*. Naquela noite não fora capaz de esconder dele a reação física. Ele apanhara-a desprevenida. E, por um momento, Lane vira o quanto ela era chocantemente humana. Vira-o nos seus olhos, quando ela observara todas aquelas pessoas a divertirem-se. Estava terrivelmente só. Assistia a tudo a partir de fora. Criara para si aquela situação, mas ele também tinha a sensação de que não fazia ideia de como resolvê-la. E lembrava-se de como

era — sentir sempre como se existisse uma espessa parede de vidro entre si e todos os outros. Como se estivesse a assistir a um filme e não tivesse sido contratado sequer como figurante.

Gerava nele a vontade de fazer perguntas, de ficar a conhecê-la. Mas não era disso que ela precisava naquela noite. De qualquer modo, ela não lho teria permitido. A *simpatia* assustava-a. Não confiava nela. Não queria o Lane simpático. Não queria gostar dele.

Essa é a melhor parte. Elle sussurrara-lhe aquelas palavras mas ele ouvira a sinceridade nelas. Ela precisava da raiva entre eles. Era isso que lhe transmitia a sensação de segurança. As palavras combativas e os insultos trocados excitavam-na. Ele já era dominador há tempo suficiente para ter visto todo o tipo de taras, e Deus sabe que vira uma boa dose de quase tudo na sua carreira anterior, mas nunca dormira com alguém de quem não gostasse abertamente. Achou que isso provavelmente não deveria excitá-lo, mas tocara em algo dentro de si.

Lane tivera um dia excepcionalmente mau, recebera péssimas notícias e estava com um mau humor terrível a caminho da festa. Contava com a companhia dos amigos para o ajudarem a esquecer, mas encontrara algo muito mais interessante ao trocar palavras com a bela médica. Ela fazia jus ao papel de rainha do gelo, não escondendo o facto de se achar superior a ele. E, caraças, depois do dia que tivera queria fazê-la descer desse pedestal.

Só não estava à espera de que ela quisesse a mesma coisa, e não estava sem dúvida à espera de que o quisesse na cama. Mas quando lhe lançou a ideia e olhou para ele como se lhe quisesse dar uma dentada não fora capaz de conter a torrente de desejo assim despolexada. Aquelas pálidas madeixas louras a envolverem-lhe o punho, os lábios apertados a implorar pelo seu membro, aquela expressão crítica sempre presente no olhar a desvanecer-se na névoa do orgasmo.

Sim. Tudo isso.

Ela queria ser comida com ódio? Ele estava pronto para lhe fazer a vontade.

Elle andava para trás e para a frente e abanava as mãos, tentando ver-se livre dos nervos que tinham insistido em acompanhá-la até casa. Nunca ficara tão nervosa com uma coisa daquelas. Era

apenas sexo. Desde o divórcio tivera a sua quota-parte com um sem-número de homens. Uns melhores do que outros. Aquilo não passava de mais um caso. Mais uma noite.

Qual era o problema de ter de voltar a ver Lane no Grove? Ele não trabalhava na ala da reabilitação, o seu domínio. Seria fácil de evitar. Além disso, ela era uma mulher adulta, capaz de separar o trabalho do prazer. Tinha compartimentado Donovan perfeitamente. A compartimentação era uma arte há muito praticada por ela. Aquilo não seria diferente.

Se estava mesmo assim tão preocupada, que trancasse a porta. Que fechasse a porta à possibilidade para sempre. Porque sabia que Lane cumpriria a sua ameaça. Se ela a trancasse ele não voltaria a olhar para ela. Pousou a mão na fechadura por breves instantes, mas não conseguiu forçar-se a fechá-la, com o sangue a bombear assim tão forte e com as cuecas de seda que acabara de vestir já coladas ao corpo. Ela queria aquilo.

Mas ao fim de 20 minutos a andar para a frente e para trás a sua atenção saltou da preocupação com a possibilidade de aquilo acontecer para a possibilidade de Lane não cumprir, que tivesse sido uma provocação. Uma piada.

Por isso, quando ouviu a porta das traseiras a abrir teve de morder os lábios para se impedir de emitir um suspiro de alívio. Ele estava ali. Aquilo ia acontecer.

Ela estacou no meio da sala de estar, esperando sob a difusa luz cinzenta da Lua filtrada pelos cortinados. Não iria ter com ele, não lhe revelaria como se sentia desejosa.

Os passos pesados ressoavam no chão de madeira, o corredor gemendo sob os seus sapatos, e depois ele entrou na sala de estar. Ali, na casa dela, ele conseguia, de alguma maneira, parecer ainda maior. Mais de um metro e oitenta de homem a encher a porta antiga de caixilho irregular. O vitral sobre a porta permitia a passagem de uma luz pálida, colorida, que caía sobre os ombros dele e lhe deixava metade do rosto nas sombras.

A garganta dela ficou tensa, seca.

— Demoraste bastante tempo. Decidiste ficar para a sobremesa?

A boca dele curvou-se enquanto ele entrava, absorvendo o tom cortante, como se ela tivesse dito algo doce.

— Não. Vou-te comer antes a ti. Espero que valhas a pena ter abdicado do pudim de pão. — Ele olhou para ela. — Sinceramente, tenho as minhas dúvidas.

A estocada fê-la silenciar-se. Mas em vez de a irritar permitiu-lhe libertar a respiração que nem se apercebera estar a suster, o insulto suavizando de algum modo os seus nervos.

— Vai-te lixar, Cannon.

O divertimento deslizou-lhe pelo rosto. Estava agora próximo, quase ao seu alcance, o que a levou a recuar.

— A ideia é essa, raio de sol.

Elle lambeu os lábios e encostou as costas à parede.

— Ninguém sabe que vieste para aqui?

Lane pousou as palmas das mãos abertas na parede, de cada lado dos ombros dela, encurralando-a e envolvendo-a com o seu cheiro, a sua... dimensão.

— Não, não te preocupes. Ninguém sabe que te estás a dar com a ralé. Que estás excitada e cheia de desejo pelo *prostituto* do instituto. O teu segredo imundo está seguro.

Ela estremeceu.

— Eu não queria...

— Querias sim — disse ele. — Mas não faz mal. Também não queria que se soubesse que estou aqui. Tenho a minha própria reputação a manter.

Ela semicerrou os olhos.

— Qual? A de só comeres quem te paga?

Ele sorriu, com um toque de malvadez.

— Oh, as pessoas não me pagam por isto, querida. Isto não está à venda.

Antes que ela conseguisse registar o que estava a acontecer ele fê-la girar, prendeu-a contra a parede e encostou o corpo ao dela. A sua ereção era dura e pesada contra ela e um estremecimento quente de desejo correu-lhe pelas costas. Teve de lutar para não gemer.

— Dá-me uma palavra de segurança, McCray — disse ele, a sua voz baixa e séria ao seu ouvido. — Porque estou prestes a dar-te o que sei que queres, mas não o vou fazer sem uma dessas. A tua atitude encheu-me de vontade de te fazer coisas más.

Ela fechou os olhos, com o calor a invadir-lhe o sexo e a deixar todo o seu corpo arrepiado e sensível. Disse a primeira palavra que lhe ocorreu.

— Aniversário.

Ele encostou o nariz ao cabelo dela, inspirando.

— Linda menina.

— Não. — Ela ficou tensa, com o termo carinhoso a arrancar-lhe a psique e a apertar-lhe o estômago.

Ele imobilizou-se.

— Não, o quê?

— Não me chames isso. Nunca.

Ele ficou em silêncio por um segundo, e depois a mão deslizou pelo braço dela com um toque calmante, como se estivesse a tentar serenar um cavalo rebelde.

— Percebido. É tudo o que tens de me dizer, está bem? No que quiseres manter interdito, basta que me digas e respeitá-lo-ei.

Ela inspirou fundo, odiando o facto de ter reagido tão veementemente, de os seus demónios se terem aproximado tanto da superfície. De o velho termo carinhoso que o ex-marido usava para se referir a ela ainda a afetar. Naquela noite estava algo perdida. *Ele* estava a deixá-la algo perdida.

— Não preciso que entres em modo de terapia, Lane.

— Isto não é o meu modo de terapia. Sou eu a ser um dominador e um ser humano responsável.

Um dominador? Maravilha. Claro que era.

— Não sou submissa.

— Sim, já percebi.

— E se me pedires para te tratar por senhor dou-te um murro.

Ele riu atrás dela, a respiração fazendo-lhe cócegas no pescoço.

— Gostava de te ver a tentar.

Ele agarrou na bainha do vestido preto preferido dela e puxou-lho até às ancas, expondo as cuecas de seda azul-clara que entretanto vestira. Lane gemeu e agarrou-lhe o traseiro com uma palma quente da mão. Mas, ao contrário dos tipos com quem ela dormia habitualmente, não se perdeu a olhar para a roupa interior dispendiosa nem desperdiçou quaisquer cumprimentos.

— Não é possível que tenhas levado isto para a festa. Estás a tentar impressionar-me, McCray? Ou será que as outras ficaram demasiado molhadas por estares a falar comigo?

— Caramba, és mesmo idiota. — Pretendia que as palavras fossem um insulto, mas saíram mais como um suspiro com um toque de *por favor, por amor de Deus toca-me*.

Ele apertou-lhe o traseiro com a palma grande da mão e depois desferiu uma forte palmada. Ela arquejou.

— E adoras. Não quero saber o que me chamas. Resmunga comigo o que quiseres, o teu corpo trai-te.

A bota dele insinuou-se entre os pés dela e obrigou-a a abrir mais as pernas. A mão de Lane deslizou entre as coxas dela. Quando os seus dedos tocaram no tecido molhado emitiu um som de vitória do fundo da garganta. Afastou as cuecas para o lado e as pontas rudes dos seus dedos tocaram na pele escorregadia dela, lançando-lhe o prazer para a coluna e daí para os membros.

Elle susteve o gemido que ameaçava libertar-se. Não lhe daria essa satisfação.

A gargalhada suave dele tocou-lhe ao de leve na orelha, quando ele localizou o clítoris intumescido.

— Ora, ora, esse não é um jogo que sejas capaz de ganhar, por isso nem te dês ao trabalho de tentar. Não ficarás em silêncio comigo.

Ela fechou os olhos com força e cerrou os dentes, enquanto ele traçava círculos cuidadosos em redor do botão sensível, besuntando-lhe a pele com a sua própria excitação e aumentando-lhe o desejo. Era a pressão certa para colocar o coração a galope e para acelerar a respiração. Já passara algum tempo e o corpo dela queria atirar-se, obter a libertação, mas não lho podia permitir. Não com aquela facilidade. Ainda não. Encostou a testa à parede e agitou as ancas, tentando ajustar-se ao toque, torná-lo menos potente. Mas ele era demasiadamente ágil, estava demasiado consciente de todos os seus movimentos.

Ele desviou a mão e deslizou um dedo para dentro dela. Nessa altura Elle não conseguiu evitar a sua reação. O gemido subiu-lhe do fundo da garganta e encheu a sala de estar silenciosa. *Meeeerda*.

— Isso mesmo — disse ele, movendo lentamente o dedo dentro dela e regressando ao clítoris numa dança enlouquecedora. —

Não há problema em gozares. Não significa que percas. Significa que ganhamos os dois.

Tinha razão, ela sabia-o. Mas era tão difícil ceder, aceitar que aquilo estava a acontecer com Lane e que ela o desejava assim tanto.

Lane encontrara o seu ponto mais secreto, mesmo no centro e onde ela gostava de se tocar quando enveredava por uma viagem a solo. A precisão do toque dele era demasiado. Os dedos dela curvavam-se contra a parede e ela respirava entredentes.

— Não posso... ainda não...

Lane beijou-lhe a parte de trás do pescoço.

— Tenho a noite toda. E sou paciente como o caraças. Este não vai ser o último. Prometo. Para de lutar.

Ela arquejou. O orgasmo ia derrubando as comportas, mas ela não podia ceder. Não fazia ideia porque continuava a resistir, mas deu por si a adiá-lo. A contar mentalmente. A fazer todos os possíveis por se afastar do que sabia ser um prazer absoluto.

Para. Ela tentou afastar a resistência dele, tentou permitir-se sentir, mas o seu cérebro voltou a fechar a comporta. Os dedos dela fecharam-se num punho cerrado contra a parede.

— Não posso...

Lane continuou durante alguns segundos mais, mas depois parou, como se tivesse por fim compreendido as suas palavras.

— Não estás a mentir, pois não? Não és mesmo capaz de ceder.

A quietude dos dedos dele era uma tortura. Ela moveu a testa contra a parede. Queria vir-se, precisava da libertação, mas o cérebro e o corpo debatiam-se.

Antes que fosse capaz de formar quaisquer palavras de explicação, Lane recuou e a perda do seu calor foi estranha. Ele tirou-lhe o vestido pela cabeça, deixando-a com as cuecas em desalinho e o soutien de renda.

— Lembra-te da palavra de segurança.

— O quê?

Ele levantou-a do chão sem aviso, aninhando-a contra o peito. Ela arquejou e pestanejou para abrir os olhos, pois a súbita alteração de posição deixara-lhe a cabeça a andar à roda. Ergueu os olhos para ele mas ele não a olhava. Fitava o caminho à sua frente enquanto a levava pelo corredor, com o maxilar numa posição determinada.

— O que estás a fazer? — A pergunta saiu de repente.

Ele abriu a porta do quarto e pousou-a na cama. Apontou um dedo na direção dela.

— Não te mexas.

Os lábios dela entreabriram-se, mas ele saiu porta fora num instante. O bater do coração dela acelerou e o corpo latejou em derradeira frustração, mas, por alguma razão, não saiu da cama. Um minuto depois ele estava de volta segurando nos braços uns lençóis verde-menta — os do seu quarto de hóspedes.

— Mas que raio...?

— Deita — disse ele, enquanto prendia o lençol que trouxera ao de cima. — Não tenho o que preciso mas isto deve servir.

— Servir para quê? E é *deita-te*, não *deita*.

Ele ergueu os olhos com um sorriso.

— Vais mesmo dar-me uma maldita lição de português quando estás aí *deitada* com a cona ensopada e uma expressão de *fode-me* estampada no rosto?

As palavras eram rudes. Duras. Verdadeiras como o caraças. E, por alguma razão, sensuais como o raio. Ela deixou que o seu olhar viajasse por ele, enquanto continuava a atar os lençóis, e depois pousou-o no impressionante desenho das suas calças.

— Também não és propriamente uma imagem de contenção. O teu membro está prestes a rasgar a ganga.

Ele agarrou na ereção e sorriu.

— Estás a oferecer-te para tratar dele? Não podes corrigir-me o português se tiveres a boca cheia.

Ela recostou-se para trás, apoiando-se nos cotovelos, seguindo a sua ordem anterior.

— Não faço broches. Não é a minha cena.

Ergueu uma sobancelha.

— Fica abaixo de ti, hem?

Não, parei quando senti o gosto de outra mulher no meu marido.

— Algo do género.

— Sorte a tua, tenho algo diferente na ideia.

Ele aproximou-se da cama, pousou-lhe as mãos nos ombros e guiou-a para baixo. Antes que ela pudesse protestar passou o lençol dobrado sobre o peito dela e enfiou uma ponta por baixo do colchão.

Ela não fazia ideia do que ele estaria a fazer, mas deu por si deitada e a observar. Enfiou o lençol atado por baixo do colchão e puxou a ponta do outro lado. Agarrou na ponta solta e atou-a ao seu parceiro, apertando com força. O puxão esticou o lençol sobre os ombros, os seios e a barriga dela, prendendo-lhe os braços ao lado do corpo e este à cama, mas deixando a metade inferior exposta.

A respiração dela vacilou.

— Lane...?

— Inspira fundo.

Ela inalou pelo nariz, enchendo os pulmões e repuxando o lençol.

Ele acenou com a cabeça.

— Vês? Consegues respirar. Dói-te alguma coisa?

— Não, mas...

— Não pedi um comentário adicional. A tua palavra de segurança ou o silêncio. Há pouco disseste que não conseguias vir-te. Mas o que querias dizer é que não te virás... não para mim. Agora não tens outra escolha.

Os músculos dela ficaram tensos, enquanto ele contornava a cama e a fitava como um herói de guerra vitorioso. Subiu para o colchão e agarrou no fino tecido das cuecas dela, arrastando-lhas pelas pernas abaixo e expondo exatamente o quanto estava a afetá-la. O cheiro dela encheu o ar.

Ele inalou profundamente e sorriu, deslizando os dedos pela pele sensível.

— Vejamos se tens um gosto tão amargo quanto a tua atitude.

Oh, Deus. Não teve sequer um momento para se preparar antes de Lane pousar as grandes mãos na parte de trás das coxas dela e a abrir consideravelmente, expondo cada centímetro das suas partes íntimas. Depois baixou a cabeça. A língua quente dele deslizou sobre ela como um fogo doce e abençoado, e ela tentou inclinar o corpo. Contudo os lençóis mantiveram-se fixos, prendendo-a onde estava e não lhe permitindo qualquer alívio.

Lane deixou escapar um suave gemido de prazer.

— Hum, nada amargo. Pelo menos uma parte de ti é muito, muito doce.

E foi a última coisa que disse, antes de voltar a pousar nela os lábios e a língua e de fazer o maldito mundo dela explodir. Ele não

se limitava a provocá-la ou a lambê-la como um cão ansioso. Descobriu que os homens tendiam a cair numa das duas categorias, mas ele não se encaixou em qualquer delas: ele *beijou-a*, de boca aberta e com sensualidade, sugando a sua carne por entre os lábios e rodeando o clítoris com a língua, ao mesmo tempo que deslizava dois dedos para dentro dela. Era lento e torturante, e absolutamente respeitador. Como se ela fosse um instrumento e só ele conhecesse as notas da canção.

A cabeça dela inclinou-se para trás e o calor deslizou-lhe pelo corpo. A pressão do lençol contra os seus seios aumentava o desejo e a restrição levava a renda do soutien a arrastar-se sobre os mamilos sensíveis. Tudo estava em brasa, desperto, cheio de desejo. Ela tentou estender a mão para lhe agarrar no cabelo e recuperar o controlo, mas tinha os braços presos. O efeito limitou-se a aumentar a sua excitação. Ele exigia rendição.

Ela não se tinha vindo, por isso ele ia arrancar-lhe o orgasmo. Era um jogo. E de repente quis jogá-lo.

— Achas que isso vai funcionar? — perguntou por entre a respiração entrecortada, ao mesmo tempo que enterrava as unhas no colchão. — Achas que tens um qualquer talento mágico para...

Foi a última palavra que conseguiu dizer antes de ele enroscar os dedos contra o ponto G e lhe ter envolvido o clítoris com um movimento da língua.

Cada célula de resistência do seu corpo caiu ao chão numa rendição abjeta, quais bandeiras brancas erguidas, e a libertação trovejou através dela sem aviso, fazendo-a agitar-se e estremecer contra as amarras e gritar contra a sua vontade.

Ele não parou. Não suavizou o assalto. Continuou a dança mágica dos seus dedos e língua e, sem saber como, ela deu por si a subir para o nível de orgasmo seguinte, daquele tipo que a fazia soar como se tivesse sido apunhalada com algo afiado.

Mais tarde, provavelmente, sentir-se-ia envergonhada com os sons que estava a emitir, mas naquele momento não conseguia pensar nisso. Estava presa à cama e um homem lindo, absolutamente irritante, estava debruçado sobre ela como se estivesse a dar uma aula de mestrado acerca de como fazer uma mulher gritar. Talvez estivesse. Ela era um mero exemplo no seu seminário

imaginário. *Vejam agora como o sujeito A se contorce quando esfrega os dedos contra o ponto G. E escutem como grita quando massajo o clítoris com a língua. Observem como as costas arqueiam e o sexo se aperta quando lambo os sucos que liberta, como se estivesse faminto por prová-la. Eu estou faminto por prová-la.*

Aquele último pensamento lançou-a de novo para o abismo e, quando os seus gritos se transformaram em arquejos sem palavras e ela não parecia aguentar mais, Lane recuou por fim um pouco. A perda do seu calor quase a fez gritar por ele, mas refreou o impulso e arquejou até ao final do clímax.

Respira. Respira. Respira.

Precisava de se recompor, de encontrar os seus pensamentos para poder voltar a lidar com ele. Manter o jogo vivo.

Mas ele não lhe deu tempo. O som da braguilha a abrir fez erguer as suas pálpebras. Lane erguia-se na beira da cama, enquanto abria as calças, movendo os antebraços, o olhar escaldante sobre ela, quase malvado. Como se estivesse irritado por não estar já dentro dela. Como se a culpa fosse sua. Como se ela tivesse de pagar por isso.

Aquele olhar fez-lhe coisas que não devia fazer.

Mas não podia permitir que a sua concentração se perdesse naqueles olhos. Isso era demasiado. Além disso, ele estava a tirar a camisa e, credo, aquele homem era digno de se ver. De ombros largos e musculoso, mais encorpado do que os homens que geralmente a atraíam, mas, raios, não estava a queixar-se. O olhar dela deslizou pelo carreiro de pelos castanhos que conduzia ao cinto. Um cinto que ele estava a abrir.

Encostou a língua ao céu da boca, enquanto ele enfiava a mão nas calças para ajustar a ereção antes de deslizar as calças de ganga e os boxers pelas ancas abaixo. Os dedos longos dele envolviam o comprimento do seu membro e acariciavam-no, levando a que todo o corpo de Elle ficasse tenso. Uma gota de líquido acumulava-se-lhe na ponta e ele espalhou-a habilmente pela cabeça, deixando-a brilhante. Havia algo insuportavelmente erótico na maneira como aquele homem lidava com o seu corpo — era confiante e sem vergonha. Uma promessa. *Sei o que fazer com isto. Como dar prazer a mim mesmo. Como dar ainda mais prazer a ti.*

Elle podia assistir, enquanto ele se tocava daquela maneira, sem nunca se faltar do espetáculo, mas tentou transformar a sua expressão numa manifestação de tédio.

— Vais limitar-te a bater uma a noite toda ou queres usar essa coisa?

Ele sorriu, continuando as carícias suaves, espalhando mais o fluido que se acumulava na cabeça ao longo do comprimento do membro.

— Talvez me erga sobre ti e te obrigue a assistir. Te suje os lençóis todos. Ias ficar bonita coberta pelo meu esperma.

Num tipo diferente aquelas palavras pareceriam saídas de um filme pornográfico, mas vindas dele deixavam-na com pele de galinha. Conseguia imaginá-lo a fazer isso mesmo, conseguia imaginar como seria sentir o seu esperma quente a deslizar pela pele nua.

O sorriso matreiro dele ficou enviesado de um modo deliciosamente malicioso.

— E há alguém que gosta da ideia. Tens múltiplas camadas de pensamentos imundos nessa cabeça, não tens?

— Talvez tenha achado que seria mais fácil, dado que já me vim e consegui o que queria.

Ele avançou para o limite da cama e agarrou no preservativo que atirara para cima dos lençóis. Enfiou-o sem nunca afastar dela o olhar.

— Oh, não, prometo que não chegaste nem perto daquilo de que precisas esta noite.

Antes que Elle conseguisse responder, Lane libertou o nó dos lençóis e agarrou-a pelos tornozelos. Puxou, arrastando o corpo dela de baixo das amarras até o traseiro estar à beira da cama e ele se erguer sobre ela. A respiração dela fugira-lhe mal ele a puxara e agora não tinha qualquer hipótese de recuperá-la. Não com ele a erguer-se entre os seus joelhos, de membro na mão e gloriosamente nu. Mas, agora que estava livre, tentou erguer-se e virar-se.

Duas manámulas apanharam-na e voltaram a fazê-la cair de costas.

— Não tenhas tanta pressa. Não disse para te virares.

As palmas das mãos dele a exercerem pressão sobre os ombros dela faziam-na contorcer-se, mas a luta estava a deixá-la de novo em brasa, como se não tivesse acabado de passar por um orgasmo.

— Venho-me mais facilmente se estiver de gatas.

Era verdade, mais ou menos. Virar as costas sempre a ajudara a concentrar-se nas sensações. A bloquear o seu parceiro.

— Bem, boas notícias: esta parte das festividades não é para ti. É para mim. E eu quero olhar para a tua cara enquanto te como.

Lane manteve as mãos nos ombros dela, mas ergueu uma sobrancelha como se estivesse a fazer uma pergunta, e ela apercebeu-se de que estava a dar-lhe uma oportunidade para recusar, para usar a palavra de segurança. Mas isso seria uma espécie de derrota e ela não queria terminar já aquilo. Queria que as coisas decorressem nos seus próprios termos, mas não o suficiente para puxar a corda do paraquedas. Limitou-se a fechar os olhos.

— És um sacana egoísta. Pensei que eras o assistente sensível, generoso.

Ele deslizou o membro pela fenda dela, provocando-a.

— Só com as pessoas de quem gosto.

— Só com as pessoas que te pagam.

O maxilar dele agitou-se e ele inclinou-se para a frente, penetrando-a sem aviso e enterrando-se profundamente nela.

O seu corpo estava tão escorregadio que recebeu a invasão, mas a surpresa e a deliciosa imensidão do membro dele fizeram-na arquejar. Inclinou a cabeça para trás e tentou não parecer tão afetada, mas era inútil. Os músculos dela apertaram-se à volta dele e os dedos agarraram os lençóis.

Lane deixou escapar um gemido baixo, uma pequena frincha na sua própria fachada calma, e deslizou uma mão por ela, enquanto retirava quase por completo o membro e depois o voltava a afundar nela. O deslizar do calor dele contra ela era como coçar a comichão mais profunda de um modo absolutamente satisfatório. Raios, ela nem se apercebera do quanto precisava daquilo, da sensação de estar unida, de ter um homem lindo a enchê-la. Ele pousou uma mão no joelho dela, abrindo-a ainda mais, e moveu-se com estocadas longas, lentas, que faziam as terminações nervosas dela cantar de prazer. Ela fechou os olhos, deixando-se cair no esquecimento.

— Olha para mim — disse ele, as palavras num ribombar baixo.

— Hum? — A voz dela assumira uma qualidade onírica.

Uma mão deslizou por trás do pescoço dela e apertou. A súbita mudança fê-la abrir os olhos de repente. O rosto de Lane estava a poucos centímetros do seu, com os olhos em chamas.

— Olha—para—mim.

Elle lambeu os lábios, com o coração a bater ao cimo da garganta. Ele estava tão perto que conseguia ver os flocos de ouro nos seus olhos verdes e a intensidade que neles ardia. O contacto visual trouxe para a superfície a sua ansiedade. Ela não gostava da intimidade. Não gostava de ter relações cara a cara, muito menos olhos nos olhos. Mas ele voltou a mover-se dentro dela e a suster o seu olhar. Sem que soubesse porquê, não era capaz de afastar o olhar. Ele estava a *desafiá-la* a não desviar o olhar.

— Isso mesmo — disse ele, e a sua voz era pouco mais do que um sussurro. — Sou eu, Elle. Sou eu quem te está a fazer sentir bem. O *prostituto* da ala obscena. Pede-me que volte a fazer-te vires-te.

Ela engoliu em seco, com o orgulho e o desejo do corpo a lutarem entre si.

— Não vou implorar, Cannon. Não sou uma das tuas submissas.

— Tu usaste a palavra *implorar*, não eu. Sentes-te tentada a implorar? — Ele mudou a posição das ancas, inclinando-se contra aquele ponto sensível e enfiando a mão entre ambos para conceder uma fricção enlouquecedora ao seu clítoris. — Porque, bolas, isso é que era um troféu!....

Ela inspirou fundo, trémula, tentando respirar apesar do desejo.

— Vai-te foder.

— Já está a ser feito e de um modo eficaz, tendo em consideração a expressão que tens estampada no rosto.

Ela fechou os olhos, mas ele encostou a testa à dela.

— Olha para mim, McCray. Olha para mim ou vou beijar-te, e sei que não queres que o faça.

As pálpebras dela abriram-se. Nunca tivera nada contra beijos. Já o fizera com outros homens, beijara Donovan. Era capaz de separar isso e rotulá-lo como outro ato físico. Mas a ideia de beijar Lane lançava o medo através dela.

— Não. Por favor.

Os lábios dele reviraram-se.

— Por isso já imploras.

Havia algo envolto naquelas palavras, mas antes que as conseguisse processar ele acelerou e, apesar das suas exigências sobre ela, fechou os próprios olhos. Agora não havia como conter as suas reações. Os dedos e o ritmo do corpo dele contra o dela estavam a deixá-la sem qualquer controlo. Mas, apesar das hormonas descontroladas, não conseguia afastar o olhar do rosto dele. Agora que ele não estava a olhar para ela podia aproveitar a visão. O brilho do suor na testa dele, o maxilar tenso, a maneira como o cabelo se encaracolava nas fontes. Ele era belo e de momento estava perdido. Perdido nela.

De súbito sentiu a falta dos olhos dele sobre si, sentiu necessidade de ver aquela ferocidade. Ergueu a mão para afastar o cabelo da testa dele, mas depois controlou-se. Não era o momento para ternuras. Não ali. Não com ele.

Por isso deixou a cabeça cair para trás, afundou-se no prazer da união dos seus corpos e dos dedos hábeis dele e deixou que tudo o resto desaparecesse. O grito que libertou pareceu distante aos seus ouvidos e a luz deslizou por trás das pálpebras quando se veio. Ele não estava muito distante, a sua compostura desaparecendo enquanto gemia e grunhia. Lane agarrou-a com força e mergulhou tão profundamente nela quanto possível, rugindo com o clímax.

O corpo dela agitou-se com a força dos orgasmos, tudo estremeceu como um diapasão até toda a tensão a abandonar e ela se derreter numa poça na cama. Ele encostou a testa à dela por um momento, depois os olhos de ambos fecharam-se, com a respiração pesada e os corpos unidos em silêncio.

O momento parecia insuportavelmente íntimo e, sem que soubesse porquê, queria chorar.

Aquele impulso fê-la pousar as mãos no peito dele e afastá-lo de si. Ele assim fez, sem oferecer resistência, e saiu de dentro dela. Ela rebolou na cama, virando-lhe as costas.

Uma mão tocou-lhe na anca.

— Estás bem?

A preocupação na voz dele e o toque gentil aumentaram-lhe ainda mais a ansiedade.

— Estou ótima. Tens toalhas limpas na casa de banho, se quiseres tomar um duche.

Ele nada disse por um longo momento, e ela temeu ter algum tipo de ataque de pânico se ele não se afastasse—agora—mesmo. Por fim ele afastou a mão dela.

— Obrigado. Volto já.

Ela engoliu, apesar da garganta seca.

— Sem pressas.

Demora todo o tempo que precisares. Por favor.

Porque ela necessitava de algum tempo sozinha para se recompor. E depois precisava de correr com ele da sua casa.

O PRAZER ÀS VEZES CONTA-SE AO MINUTO...

A Dra. Elle McCray é médica na clínica sexual do Grove. Acredita que trabalhando arduamente e mantendo todas as distrações afastadas, conseguirá ter o sucesso profissional que deseja. Foi traída pelo marido e não está preparada para deixar que mais ninguém se aproxime. Por isso reage tão mal quando Lane Cannon, um homem que considera ser demasiado bonito para ser verdade, começa a flertar com ela.

Lane costumava ser acompanhante de luxo. Agora, é terapeuta sexual no Grove, onde proporciona experiências sexuais confortáveis e seguras às pacientes. E esforçou-se demasiado para superar o seu passado para permitir que mulher alguma o desrespeite.

Depois de uma grande discussão entre ambos, o inevitável acontece. Acabam na cama. Perante a frustração com o facto de se desejarem mas não se suportarem, Elle tem uma proposta: contratar Lane. Se mantiverem uma relação puramente profissional e física, paga à hora, não haverá sentimentos envolvidos. Certo?

CONHEÇA TAMBÉM
O INTENSO ROMANCE
ENTRE MARIN E DONOVAN



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-48-5



Romance Erótico